

FMI pede pressa nas negociações

**Diretor do Fundo diz
ser essencial que o
Brasil reduza os
pagamentos atrasados**

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, revelou ontem que pediu ao governo brasileiro e aos bancos credores do País o início imediato de uma negociação, com um espírito aberto e de boa fé. Ele acentuou que é do interesse comum das duas partes levar as negociações rapidamente à conclusão.

Falando durante uma entrevista coletiva que antecede a reunião anual do FMI, Camdessus afirmou ter recebido das autoridades brasileiras todas as garantias necessárias sobre seu compromisso para restabelecer uma relação em ordem com a comuni-

dade financeira. Deixou claro, contudo, que essas garantias ainda não foram traduzidas nas ações necessárias para convencê-lo a apresentar o programa econômico brasileiro à diretoria do Fundo.

O apoio formal do Fundo (que inclui um empréstimo de US\$ 2 bilhões em seis parcelas) poderá levar mais tempo para materializar-se do que o governo gostaria. "Antes de submeter o programa à aprovação da diretoria preciso sentir-me seguro de que as negociações com os bancos comerciais estão firmemente lançadas e têm boas perspectivas de uma conclusão satisfatória", disse Camdessus.

O diretor-gerente do Fundo evitou falar diretamente sobre pagamentos de juros em atraso, justificando-se: "Modalidades de pagamentos e outros detalhes são precisamente as coisas que o Brasil e os bancos devem negociar". Mas foi até onde a linguagem di-

plomática permite para esclarecer que há um vínculo óbvio entre um compromisso de retomada de pagamentos de juros pelo País e a aprovação do programa brasileiro pelo Fundo. "É essencial", disse ele, "que o Brasil dê confiança aos credores, normalize a situação e reduza os pagamentos atrasados". O empréstimo do FMI ao Brasil, segundo ele, "não pode acontecer num vácuo e deve ser parte do financiamento global do País".

A decisão de Camdessus de aceitar a carta de intenção que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, lhe enviou na semana passada, sem condições explícitas quanto à normalização do serviço da dívida brasileira aos bancos, provocou uma forte reação do lobby dos grandes bancos em Washington na segunda-feira. No mesmo dia, o subsecretário do Tesouro americano, David Mulford, reforçou a pressão.

Sob pressão, Camdessus defendeu ontem sua decisão de esco-

lher a carta de intenção do Brasil. Ele disse que o programa "é genuinamente brasileiro", "é bom e forte", e "merece o apoio do Fundo". Mas afirmou, também, que compreende as preocupações da comunidade bancária, classificando de "má e perversa" a situação criada pela acumulação de atrasos de pagamentos por vários países.

A controvérsia criada pelos atrasos de pagamento era previsível e deriva de um erro de cálculo que a equipe econômica cometeu quando definiu a estratégia da negociação da dívida. Acreditando que o tempo jogava a favor do Brasil, o governo determinou que as conversas com os credores privados seriam as últimas a começar e deveriam ser levadas sem pressa. A estratégia mudou e agora o País quer fechar um acordo até dezembro, o que tampouco parece realista. Mas o fato é que a atitude inicial e a falta de movimento concreto provocaram dúvidas sobre a real disposição brasileira e levaram Camdessus, agora, a pedir publicamente às autoridades que ajam de boa-fé.



Camdessus: "Preciso estar seguro de que as negociações começaram"

Reuter